

A vinda da Missão Militar Francesa para o Brasil

E suas influências na doutrina da Arma de Infantaria do Exército

Alexandre Sauzem do Amaralⁱ

Pedro Henrique Meurer Pintoⁱⁱ

Gustavo Kormann Bergerⁱⁱⁱ

Introdução

Este artigo tem por finalidade abordar a história da contratação da Missão Militar Francesa (MMF) pelo governo brasileiro no ano de 1919, tendo em vista a proximidade das comemorações do centenário da Missão e a enorme colaboração no âmbito militar prestada pela mesma durante os quase vinte anos em que esteve a serviço do Exército Brasileiro (EB).

A Missão Militar Francesa foi estabelecida a partir de um contrato entre Brasil e França e visava a uma mudança do Exército Brasileiro, cujo cenário naquele momento não era favorável. Assim viu-se a necessidade de mudança da estrutura, da instrução e da mentalidade vigentes, aliada à necessidade de um exército competente que protegesse a nação frente às instabilidades que estavam ocorrendo.

É importante salientar que esse não foi o primeiro momento a ocorrer uma mudança na conjuntura do EB. No período anterior

à Primeira Guerra Mundial, oficiais brasileiros foram enviados ao Exército Alemão para lá estagiarem, os chamados “jovens turcos”,¹ em alusão aos oficiais otomanos que lá também estagiaram, e ocorreu também ao final da Grande Guerra, a “Missão Indígena”, assim chamada por ser composta apenas por oficiais brasileiros, que com ideias reformadoras, segundo Magalhães (2001), comandaram a Escola Militar do Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, medida tomada pelo então ministro da Guerra, Caetano de Faria. Além disso, a modernização dos exércitos na América Latina já se vinha tornando uma tendência àquela época.

Todavia, no cenário pós Primeira Guerra Mundial, a instauração da MMF não fora feita junto à Alemanha, haja vista o alinhamento de políticos brasileiros (como Epiácio Pessoa e Pandiá Calógeras) com a França e o fato de o Brasil ter declarado guerra à Alemanha.²

A Missão

serviu como base para o atual exército brasileiro, sendo de extrema importância

ⁱAluno do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Militar de Santa Maria.

ⁱⁱAluno do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Militar de Santa Maria.

ⁱⁱⁱAluno do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Militar de Santa Maria.

para o desenvolvimento de sua atuação e se mostrando como uma revolução no modo organizacional (BELLIN-TANI, 2009),

trazendo mais mobilidade e dinamismo para algo que antes se encontrava estático e sem um propósito de atuação: a defesa da pátria com soberania.

Fazendo uma breve digressão, observamos a falta de sucesso das “salvações militares” no início do século XX, sendo que havia no cenário militar brasileiro uma constante e crescente tendência à despolitização do Exército. Na época, oficiais que compartilhavam a ideia de profissionalização das armas por meio de um programa até então ambicioso cresciam em número. Entretanto, essa campanha foi concebida em um contexto que afetava diretamente a mística e doutrina da chamada “nação armada”, conforme ressalta Hayes (2001).

Naquele momento, o Exército Brasileiro fazia uso da Guarda Nacional, herdeira dos antigos costumes imperiais. Era uma força armada cujas tropas se constituíam essencialmente de poderosos proprietários de terra e, anteriormente à Lei Áurea de 1888, donos de escravos.

O protagonismo da Guarda Nacional nos cenários que envolviam a defesa do país significava uma elitização do Exército. Além disso, seus

membros gozavam desses cargos exercendo uma forte participação política. Confundiam-se as influências dos coronéis da Guarda Nacional, confundia-se a política e a defesa do país. (MAGALHÃES, 2001, P. 26)

Essas questões retardavam o desenvolvimento de uma identidade genuína de “nação armada”, tanto que alguns marechais e generais filiados ao Ministério da Guerra defendiam maior popularização do Exército Brasileiro, pois, de acordo com o que acreditavam, seria mais adequado e eficiente. As forças militares da Guarda Nacional estavam submetidas ao Ministério da Justiça e, somado aos eventos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ela assumia gradualmente uma posição de segundo plano.

Por um lado, tinha-se a ideia de distanciar a profissão militar da política. Por outro, era pregado que a nação sofria de uma crônica desordem, e cabia ao justo e disciplinado exército sua salvação. A Missão Militar Francesa de 1919 surgiu como fruto desse ideal. Em setembro desse ano, o Ministério da Guerra solicitou a vinda de militares franceses ao Brasil, medida tomada em prol da resolução da crise institucional do Exército Brasileiro. Com ela, o Exército se tornou mais profissional, armas foram criadas, uma nova doutrina foi adotada aos moldes franceses e o estilo de combate sofreu profundas alterações, tornando-se mais sofisticado.³

Tal evolução ocasionou uma nova e melhorada versão de diversas estruturas que estavam sob o comando do Exército Brasileiro. Assim como muitas outras forças terrestres, a Arma de Infantaria foi consagrada com uma mudança organizacional de preparo bélico e mística de batalha, até ser construída da forma como age atualmente. O artigo encontra-se organizado da forma descrita adiante.

O primeiro item apresenta um panorama mundial do ponto de vista militar do

século XX, situando neste contexto o Brasil e a necessidade de reorganização de sua Força Terrestre diante de sua fragilidade interna e externa.

O segundo item mostra a necessidade da contratação de uma Missão Militar em 1919, sendo escolhida, entre os melhores exércitos, a alternativa que melhor atendesse para a reestruturação do Exército Brasileiro.

O terceiro item enfatiza as mudanças de concepção e o surgimento de uma espécie de “mística do infante”, em decorrência das várias e profundas transformações implementadas pelos instrutores franceses, criando um verdadeiro espírito de corpo no combatente de infantaria.

Por fim, no quarto e último item, apresentam-se a influência e o legado deixado pelos instrutores franceses na evolução da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro.

O mundo no século XX e as primeiras ideias da necessidade de uma missão militar no Brasil

Os eventos de aprimoramento da Infantaria resultaram de atos desencadeados desde os princípios do século XX. A Primeira Guerra Mundial, conhecida na época como Grande Guerra, ou a guerra que daria fim a todas as guerras, foi recebida pelo mundo em um contexto de desorganização política e militar, um caos de âmbito universal. As nações envolvidas receberam um choque de realidade, uma prova de quanto os combates modernos haviam mudado.

O Brasil, exercendo uma participação secundária com a Marinha Brasileira, entrou na guerra no ano de 1917, logo após desen-

volver um atrito com a Alemanha. Esse foi o momento ápice em que a população do país tomou consciência de que as forças armadas brasileiras, essencialmente o Exército Brasileiro, estavam militarmente atrasadas em relação ao mundo.

A prevalência da Guarda Nacional⁴ representava uma das amarras que dificultava o exercício bélico da pátria brasileira como um todo, fator que se devia a sua estrutura rudimentar fundada nas raízes imperiais.

Outra manobra pensada pelo país foi o grupo de profissionais nomeados Jovens Turcos — militares brasileiros enviados para estudar na Alemanha no período que antecedia a Primeira Guerra Mundial. Esses tiveram sua influência frustrada por causa da derrota da nação na qual se inspiravam.

Embora os estudantes “germanófilos” tenham tido a chance de participar e agregar diversas inovações ao Exército Brasileiro — as sementes da Arma de Cavalaria, por exemplo —, ainda se buscavam modelos de exércitos mais eficientes nos quais se espelhar. O Brasil necessitava de uma modernização urgente. A formação mais propícia para isso no momento parecia ser a do Exército Francês.

Vencedor da Grande Guerra e de boa reputação entre os militares brasileiros, o exército da França era conhecido por gozar de uma exemplar organização em suas estruturas internas e em suas estratégias, demonstrando alto valor no desenrolar de embates, na preparação para guerra e na logística para com seu efetivo.

Levadas as circunstâncias em conta, foi decidido que o Exército Brasileiro contrataria oficiais franceses, oferecendo-lhes uma esta-

dia no país e permitindo que estes sugerissem reformas nas escolas de instrução e em instituições militares, em especial na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Em setembro de 1919, Brasil e França assinaram o acordo de contratação da Missão Militar Francesa, equipe de oficiais encarregada de fornecer o auxílio pelo qual o Exército Brasileiro clamava.

Em um primeiro momento, a tal missão, embora altamente desejada, principalmente pelos comandantes progressistas preocupados com a organização do Exército, sofreu certa resistência ideológica de correntes do pensamento militar. Outras vertentes com opiniões divergentes se contrapunham à vinda da consultoria francesa.

O conservadorismo ufanista, por exemplo, resguardava uma interpretação sórdida da Missão Francesa, como se sua pátria estivesse sendo entregue às tradições estrangeiras. Ao menos era isso que diziam os mais atrelados aos modelos clássicos.⁵

Os chamados “germanófilos”, conforme já mencionamos, também possuíam aversão à influência francesa, acreditavam que a Alemanha permanecia o melhor modelo militar no momento. Argumentos desse tipo foram defendidos, em geral, pela geração dos Jovens Turcos no Brasil.

Contudo, a opinião pública, até mesmo militar, de que o Exército Brasileiro era verdadeiramente desorganizado pesou mais na tomada de decisões. Tudo indicava que, caso a nação não estivesse preparada para novos conflitos, o futuro seria desastroso. A Missão Militar Francesa seria o recurso da profissionalização definitiva das Forças Ar-

madadas brasileiras.⁶

Salvo algumas situações em que a Missão alegava que o Exército, ainda consideravelmente conservador, estaria limitando sua atuação nas escolas de instrução, os franceses exerceram eficientemente a função de consultores. Aconselhavam os melhores caminhos para conduzir a estrutura militar.

A participação desses oficiais em território brasileiro foi definitiva para o nascimento de uma geração moderna de militares. Os aprendizes passaram a conter muito dos ideais franceses em sua experiência. A aplicação desse conhecimento foi decisiva na modelação estrutural do Exército Brasileiro.

A Missão Militar Francesa de 1919 e sua contribuição na reestruturação do Exército Brasileiro

Em 1919, em Paris, as negociações relativas ao contrato foram realizadas entre o adido militar brasileiro, coronel Malan d'Angrogne, e o ministro da Guerra francês, Georges Clemenceau. O contrato, segundo Bellintani (2009), foi assinado na capital francesa e ratificado no Rio de Janeiro.

No projeto inicial, os oficiais franceses teriam de comandar durante

quatro anos a Escola de Estado-Maior (EEM), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), a Escola de Intendência e a Escola de Veterinária. Em troca, o Brasil teria de privilegiar a França na compra de material bélico. (BELLINTANI, 2009, p. 183)

Nos primeiros anos da Missão, houve um grande apoio aos oficiais franceses.

Contudo, devido às instabilidades políticas causadas pelo governo vigente e aos poucos recursos financeiros, a Missão não conseguiu atender a tudo o que estava posto no contrato. O chefe da Missão, general Maurice Gamelin, encontrava dificuldades para aplicar o projeto.

Outro problema encontrado, de acordo com Bellintani (2009), era a atuação restrita nas Escolas Militares, em que os oficiais que nelas ingressavam temiam o seu prestígio ser atingido por ideias reformadoras e por militares estrangeiros, o que só mudou com Setembrino de Carvalho, que alterou esse panorama, colocando a Escola Militar sob influência francesa.

A posição dos franceses foi enfim direcionada, adicionando-se novas cláusulas ao contrato estabelecido, definindo-os como consultores técnicos. Também foi decidido acerca da participação dos oficiais franceses, que estavam restritos da elaboração de planos de defesa nacional.

No ano de 1925, houve a substituição do general Maurice Gamelin pelo general Frédéric Coffec, e de Setembrino de Carvalho por Nestor Sezefredo dos Passos, tendo Coffec uma posição favorável ao desejado pelo Estado-Maior quanto à posição política dos militares franceses.⁷

Concomitantemente, o general Augusto Tasso Fragoso também teve papel fundamental na orientação e na definição da atuação dos militares franceses na Missão, concentrando as funções deles como meramente de auxílio, excluindo o comando das Escolas Militares. Também frisou o diálogo

entre a Missão e o Estado-Maior, assinando novo contrato nas questões de mobilidade e transmissão.⁸

A Missão foi estendida a outros locais, por meio de viagens realizadas por oficiais brasileiros e franceses. Os oficiais brasileiros que se destacaram nos cursos foram enviados à França, e a grande maioria destes, após completarem seus estágios fora do país, assumiram o papel de lecionar nos cursos das Escolas Militares.

Foram criadas ou afirmadas novas escolas de formação militar: a Escola de Aviação, a Escola de Intendência, a Escola de Administração Militar e Escola Veterinária. Os trabalhos realizados estavam obtendo sucesso, e estes foram apresentados aos altos órgãos militares. O funcionamento do Exército foi acelerado, sendo criados novos órgãos ou abolindo outros em ordem da promoção de mudanças.⁹

A instrução da tropa passou a ser mais objetiva, embora ainda não fosse excelente. Os exercícios em campanha deixaram de ser realizados apenas em áreas próximas aos quartéis, e os aspectos do terreno passaram a ser considerados para o desenrolar da instrução.

Aos poucos, a abordagem de exercícios, que antes vinham sendo trabalhados e que se encontravam de uma forma obsoleta, naquele momento passou a ser inovadora em diversos âmbitos: no comando, na mobilidade, no uso do material bélico, entre outros.

Outra mudança importante foi na doutrina do Exército Brasileiro, a qual foi formulada tendo como base a doutrina francesa. Anteriormente, havia quem acreditava

que a doutrina do Exército era positivista, e outros, mais pessimistas, diziam que ela não existia. Os oficiais franceses auxiliaram nessa formulação, não impondo sua doutrina, mas consultando as características brasileiras, tais como naturais, sociais e econômicas, conforme podemos constatar nos trabalhos de Bellintani (2009 e 2016).

A doutrina serviu para maior profissionalização dos militares brasileiros, pois impunha disciplina e ordem. Segundo Hayes (1991), foi a partir da MMF que começa a se cultuar o duque de Caxias como símbolo do Exército. O método cartesiano era ensinado nas Escolas Militares, o que se mostrou como uma solução para diversos problemas dentro da área militar e acelerou o progresso do Exército.

Assim, toda a doutrina é documentada, juntamente com novas instruções, referentes aos campos do Serviço em Campanha, Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Educação Física e Serviço de Retaguarda.

Um ponto fulminante foi a reflexão sobre a guerra do nosso Exército. Este assumiu uma postura de muita organização e ofensividade frente a ela, assim como os franceses. A iniciativa nesse contexto é um ponto fundamental. As Escolas Militares foram os principais expoentes da transmissão dos ensinamentos pelos franceses.¹⁰

Na Escola de Estado-Maior, foram utilizados de conhecimentos metódicos na formação de oficiais de alta patente. Os franceses formaram professores brasileiros, que dariam continuidade ao processo, dividido em três anos: no primeiro, ficavam de três

a quatro meses na escola e depois estagiavam na sua arma; no segundo, se estudava tática e, no terceiro, se aplicavam os estudos de tática.

A matrícula era feita por meio de concurso. Isso mostra a capacitação dos profissionais que a integrariam. Os franceses fiscalizaram o trabalho que vinha sendo feito nessas e em outras escolas, já que, com o tempo, não havia mais professores franceses atuando. A MMF tornou os estudos dessa escola mais objetivos, técnicos, estratégicos e lógicos.¹¹

Na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a influência francesa desapareceu com intensidade, e, no ano de 1935, as condições dessa escola ficam precárias pelo excedente de alunos. A MMF atuou nela com grande papel de fiscalização das atividades realizadas e em manobras militares mais reais.

A Escola de Aviação não tem bom progresso com a MMF, já que lá a oposição à Missão era grande, com muitos revoltados com a cláusula que afirmava que só poderia se utilizar de materiais exclusivamente franceses, juntamente com a circulação de ideais revolucionários. Ocorrem séries de acidentes, segundo os franceses, reflexos da indisciplina, inexperiência. A escola estava em crise moral, e a Missão nela é abandonada.¹²

O Centro de Instrução de Educação Física foi uma das escolas mais valorizadas. O ensino da Educação Física era muito importante para os franceses, pois preparava o corpo para as funções militares. Com a MMF, a área se torna pré-requisito essencial na vida militar. Ao final do curso, os milita-

res avançariam seu posto hierárquico automaticamente.¹³

Na área de material bélico, iniciaram-se intensas encomendas de equipamentos para armas específicas do Exército, tais como Cavalaria e Infantaria, o que só não teve tanto sucesso em razão da eclosão da Segunda Guerra Mundial naquele momento.

Os treinamentos se encontravam mais complexos. Também foram realizados os chamados “jogos de guerra”, ainda não tão desenvolvidos como os atuais. O declínio da Missão no Brasil, segundo Bellintani (2016), se inicia com o envolvimento dos oficiais franceses nas questões políticas brasileiras. O sucessor de Coffec, que assume no ano de 1927, o general Joseph Spire, em meio ao grande cenário político brasileiro, manteve uma posição neutra em relação a isso.

O chefe que o sucedeu, no ano de 1930, o general Charles Huntziger, não soube fazer o mesmo, de acordo com Bellintani (2016, p.16):

o que foi evidenciado na participação de oficiais franceses na Revolução Constitucionalista de 1932, oferecendo seus serviços à Força Pública do Estado de São Paulo. Alguns oficiais ainda mantiveram posição de neutralidade, o que trouxe dúvida na forma de atuação que a missão estava tendo, e a fez perder parte de sua credibilidade.

Tudo isso, aliado à oposição de oficiais do EME que ocupavam altos cargos, trouxe muito perigo para o andamento da Missão. Mas esta foi renovada e continuou ativa, com o novo chefe, o coronel Jules Badouin, que

assume no ano de 1933. A partir desse momento, o efetivo da Missão começou a ser reduzido, tanto por razão de compromissos das carreiras dos oficiais, tanto pelos problemas que estavam diminuindo a influência da MMF. Dessa forma, dez oficiais franceses retornaram à França.¹⁴

No ano de 1934, apenas cinco oficiais franceses atuavam no Brasil, e nenhum deles obtinha a patente de general. Esse número subiu para oito oficiais no ano de 1935 e finalizou com cerca de seis oficiais no ano de 1938, momento em que o general Pol Noel comandava a Missão, e o fez com maior delicadeza, não interferindo no desenvolvimento das atividades realizadas de forma radical; pelo contrário, transmitindo os ensinamentos tal como fora decidido pelo general Augusto Tasso Fragoso. Considerava-se que os oficiais brasileiros já poderiam seguir o processo, não sendo mais necessária a ajuda francesa. A Noel substituiu o general Georges Chadebecde la Valade, no ano de 1938, que observou, em solo brasileiro, a derrocada francesa na Segunda Guerra Mundial, comandada pelo general Maurice Gamelin.¹⁵

Paris é invadida, e a França é rendida pelo Exército Alemão, tendo esta que assinar o armistício em setembro de 1940 e, um mês depois, renunciar à missão militar que vinha desenvolvendo no Brasil.

As mudanças no pensamento militar brasileiro: a mística do infante

Uma lição essencial deixada pelos franceses foi a da análise psicológica acerca do grupo militar comandado. Uma tro-

pa é composta de indivíduos. Pessoas que reagem diferentemente a determinados estímulos. Desse ponto de vista, conclui-se a importância da mística no gerenciamento de um grupo.

O Exército Brasileiro, principalmente após a década de 1920, esteve muito atrelado ao conceito de mística militar, fortemente adotado pelos batalhões de Infantaria. A mística faz referência à interação de um militar com a realidade ao seu redor, é uma filosofia que incita o combatente a sentir a própria vida, permanecer envolvido com a introspecção e a espiritualidade. A consciência e a moral de um infante são o que o motivam a agir pelo coletivo, ou seja, defender a pátria.¹⁶

Para Hayes (2001),

Mística militar é um conceito profundo de doutrina e, como ensinado pelos oficiais franceses, é o que mantém uma tropa determinada e motivada para batalhar. (p.14)

Envolve espectros sentimentais do combatente para melhorar sua eficiência. A Infantaria faz pleno uso do conhecimento dela, o que se prova em canções, orações, lendas e mitos.

O título de “Rainha das Armas” e a afirmação de que um infante combate em todos os tipos de terreno e sob quaisquer condições meteorológicas são exemplos de um esplêndido e eficiente gerenciamento da mística. O militar de Infantaria, dessa forma, entrelaça seu serviço patriótico a suas percepções de honra e dignidade.

Os novos oficiais formados, influenciados pelos conceitos da França, carregavam essa mesma mentalidade, a de progresso e de inovação. Criou-se uma classe especial, militares que visavam à preparação para novas batalhas, apoiadores da modernização de combate do Exército Brasileiro.

Este foi o momento de evoluir. Cresceu o sentimento, conforme destaca Hayes (2001), de que o Exército não se tornaria apenas um organismo da elite, mas seria símbolo de defesa da pátria. Na época que se seguiu à consultoria dos oficiais franceses, o efetivo de militares operantes cresceu significativamente. O sistema de recrutamento e admissão a novos membros do Exército se expandiu.

Conforme percebemos, a geração militar que se desenvolvia queria, cada vez mais, enaltecer a importância do Exército, não mais se ver manipulada ou secundarizada pelas classes políticas da Guarda Nacional. As Forças Armadas estavam tomando um caráter nacionalmente popular, reforçando a ideia de um povo unido para defender a nação.

Indubitavelmente, as correntes do positivismo francês e da industrialização global influíram positivamente no processo responsável pela criação do atual Exército Brasileiro. Foram, também, essenciais no nascimento do conceito de Brasil

Efetivos autorizados do Exército

1880-1930					
Ano	Efetivo	Ano	Efetivo	Ano	Efetivo
1850	15.000	1900	28.160	1920	42.977*
1880	13.000	1910	20.096*	1930	43.173*

(*) Não estão incluídos cabos e argentos

Tabela 1 – Efetivo do Exército Brasileiro
Fonte: HAYES, Robert A. *Nação Armada*, 1991, p. 123

com nação armada propriamente dita.

O legado da Missão Militar Francesa, conforme esclarece Bellintani (2016), é visto por muitos como um grande sucesso para o Exército Brasileiro e suas armas. Seu auxílio proporcionou as condições para o desenvolvimento da Força Aérea Brasileira como um organismo definitivo. Nesse período, as armas do Exército passaram pela tão almejada especialização. Elas se adaptaram ao cenário moderno inicialmente trazido pelo século XX, conquistando as mudanças que foram aclamadas desde os primeiros críticos progressistas do sistema militar desorganizado e da Guarda Nacional.

Podem-se ver claramente os reflexos dos rumos tomados nesse período nos mais diversos âmbitos das instituições militares. A eficiência atual das Forças Armadas do Brasil é o mais puro sinal de como a organização militar do Brasil foi capaz de aprender e se adaptar, para enfim ascender e continuar se aprimorando, como podemos constatar com os progressos alcançados em especial na Arma de Infantaria.

A influência francesa na evolução da Arma de Infantaria

Em meio a tantas reformas, marcada eternamente na história do Exército Brasileiro, a Arma de Infantaria representou uma das maiores superações dentre o êxito estratégico e administrativo obtido com a Missão Militar Francesa. O equipamento, a organização, a atuação, até mesmo a motivação das tropas infantas, todas foram características trabalhadas em prol da eficiência e da defesa da pátria pela **Rainha das Armas**¹⁷ (grifo nosso).

A ascensão da Infantaria brasileira contou com a efetiva participação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. A instituição, fundada sobre as motivações da Missão

Francesa, foi um meio de especialização entre as diversas armas do Exército Brasileiro, principalmente as de Infantaria, Cavalaria e Artilharia.

Com a função histórica de conquistar terreno, as tropas de Infantaria tiveram seus objetivos aprimorados e adaptados em relação às legiões da antiguidade. Por fins estratégicos, o Estado-Maior do Exército direcionou a Infantaria a participar de embates com propósitos ofensivos e defensivos, missões de patrulha ou perseguição e auxílio em obras de infraestrutura regidas pelo Exército. Atualmente, percebe-se a grande participação desses regimentos em missões de paz e de utilidade pública.¹⁸

A cronologia da arma apresenta uma visão de grande contraste. É interessante notar as mudanças e diferenças entre a Infantaria do período em que o Brasil adotou o regime republicano, quando a Guarda Nacional se submeteu ao Ministério da Justiça, e a Infantaria do entreguerras, após a convocação da Missão Militar Francesa em 1919, era de consolidação de um novo Exército Brasileiro.

Antes da Primeira Guerra Mundial, os altos comandantes das tropas de Infantaria da Guarda Nacional se limitavam a latifundiários e senhores da alta burguesia. As divisões do Exército permaneciam enfraquecidas, desorganizadas em logística e precárias em armamento. Como se não bastasse, eram ofuscadas pelo domínio da Guarda Nacional na política.

Nos conflitos, apesar da anárquica esfera estratégica das divisões infantas, os soldados seguiam uma formação padronizada. Esse fator, em específico, não era muito eficiente. Os padrões se assemelhavam a formações de batalha da antiguidade e do período medieval. Linhas retas rígidas com aposta total no poder de fogo e nas proporções do efetivo. O Brasil punha seu Exército em si-

tuações desfavoráveis por não acompanhar as invenções táticas trazidas com as guerras modernas.¹⁹

Tendo em mente a secundarização do Exército Brasileiro da época, é evidente a evolução gloriosa contida no histórico da Arma de Infantaria. A Missão Militar Francesa trouxe a solução para muitas questões que assolavam o poder bélico brasileiro. Inspirada no Exército Francês, em comunhão com seus instrutores, a Infantaria brasileira moderna pôde desenvolver suas estruturas a partir de princípios físicos e morais consistentes.

Os soldados de Infantaria assumiram novas organizações. Ocorria a diversificação das armas e a necessidade de atender aos vários aspectos de uma guerra. Os pelotões passaram a ser divididos em grupos de combate, o elemento básico nas unidades de Infantaria. Esses grupos se especializavam de modo a adaptar a tropa para o conflito e fornecer mobilização e controle melhores ao pelotão.²⁰

Conclusão

A partir da pesquisa realizada, pode-se concluir que a Missão Militar Francesa trouxe uma grande contribuição para a atual conjuntura militar brasileira, de forma que diversas áreas militares foram criadas ou desenvolvidas, aumentando a capacitação e a profissionalização do Exército Brasileiro, inserindo-o num excelente panorama de visão mundial, consagrando-o como uma das grandes instituições nacionais, incluindo-o nos contextos de guerra e paz, como se deu na participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Segunda Guerra Mundial, que sucedeu-se à MMF.

A MMF despertou no Brasil a formação de um plano de defesa nacional, privilegiando a guerra e se preocupan-

do com o inimigo.

O sucesso é inegável, o contrato inicial era de quatro anos, mas a Missão foi renovada seis vezes, durando vinte anos. Os oficiais franceses que participaram da MMF têm grande participação na história militar brasileira, possuem grande prestígio e honra por elevarem o status de nosso Exército. Todos cumpriram sua missão com êxito.

Por fim, pode-se dizer que a Missão Militar Francesa possui um caráter fundamental na formação do que hoje é o Exército Brasileiro. Seja na criação de armas ou no aprimoramento das já existentes, na hierarquia e disciplina militar, a contribuição do movimento é inegável.

Seu papel na ascensão da mística militar no Brasil possibilitou o vínculo entre os objetivos do Exército e a vontade da pátria. Tal filosofia impulsionou a Infantaria rumo ao cenário de guerra moderna no século XX. A consultoria francesa enalteceu a posição do Exército como a grande salvação nacional.

Os ideais positivistas e progressistas semeados levaram o campo militar intelectual a novos patamares. O chamado movimento tenentista da década de 20, realizado principalmente por jovens oficiais, teve suas raízes nas reformas promovidas na instituição. Os jovens tenentes eram de uma nova geração, que, influída pela mística, passou a questionar certas imposições da época. Portanto, é axiomático que a Missão tenha afetado profundamente a história brasileira como um todo.

O Exército Brasileiro se profissionalizou graças a sua ascensão no espectro ideológico. O acordo bilateral que solicitou a atuação da Missão Militar Francesa merece ser memorado e reconhecido pela digníssima atitude de cooperação e progresso entre ambas as nações.

Em paralelo, engajada permanece a

Infantaria na tarefa de cultivar a doutrina mística e solidificar a potência do Exército Brasileiro. Ora avançando contra as intempéries no campo de batalha, ora cultuando o civismo em tempos de paz, entendendo a defesa pelo território nacional.

E se há tamanha força estrutural no interior dos regimentos infantés, sabe-se a razão histórica para tal. Por esses e outros motivos, a reforma positiva do Exército Brasileiro no século XX é um evento memorável em todas as esferas da história militar. **REB**

Referências

BELLINTANI, Adriana Iop. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa**: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940). Volume I.698 f. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

_____. **Relações França-Brasil**: o legado da Missão Militar Francesa (1920-1940) para o Exército Brasileiro. Meridiano 47, ano 17, mar 2016.

Guia de Operações Militares. A Evolução Recente da Infantaria. Disponível em: <operacoesmilitaresguia.blogspot.com/2016/12/a-evolucao-recente-da-infantaria.html>. Acesso em: 11 jun 18.

HAYES, Robert A. **Nação Armada** – a Mística Militar Brasileira. Biblioteca do Exército, 1991.

MAGALHÃES, João B. **A Evolução Militar do Brasil**. Biblioteca do Exército, 2001.

Sites consultados na Internet

Academia Militar. Mestrado Integrado em Ciências Militares – Especialidade de Infantaria. Disponível em: <academiamilitar.pt/infantaria.html>. Acesso em: 14 jun 18.

A Liderança e a Mística. Disponível em: <eblog.eb.mil.br/index.php/a-lideranca-e-a-mistical.html>. Acesso em: 14 jun 18.

A Missão Militar Francesa de 1919. Disponível em: <educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2009/09/23/000.htm>. Acesso em: 15 jun 18.

O Brasil na Primeira Guerra Mundial. Disponível em: <www.suapesquisa.com/primeiraguerra/brasil_primeira_guerra.htm>. Acesso em: 11 jun 18.

<www.ahimtb.org.br/DOCTRINA%20DA%20INFANTARIA%20(2).pdf>. Acesso em: 13 jun 18.

<cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MISS%C3%83O%20MILITAR%20FRANCESA.pdf>. Acesso em: 31 maio 18.

<www.infoescola.com/historia-do-brasil/guarda-nacional/>. Acesso em: 10 maio 18.

<cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/JOVENS%20TURCOS.pdf>. Acesso em: 10 jun 18.

<www.researchgate.net/publication/299500169_Relacao_FrancaBrasil_o_legado_da_Missao_Militar_Francesa_1920-1940_para_o_Exercito_Brasileiro>. Acesso em: 31 maio 18.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

-
- ¹ Designação dada a um grupo de oficiais brasileiros que, a partir de 1913, se destacou por seu engajamento no processo de modernização do Exército Nacional. A expressão fazia alusão a oficiais turcos que, como os brasileiros, haviam estagiado no Exército alemão e, ao retornarem a seu país, se engajaram em um partido nacionalista e reformista. Disponível em: <://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JOVENS%20TURCOS.pdf>. Acesso em: 10 jun 18.
- ² Disponível em: O Brasil na Primeira Guerra Mundial. Disponível em: <www.suapesquisa.com/primeiraguerra/brasil_primeira_guerra.htm>. Acesso em: 11 jun 18.
- ³ Disponível em: <://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MISS%C3%83O%20MILITAR%20FRANCESA.pdf>. Acesso em: 31 maio 18.
- ⁴ Inspirada nos moldes franceses, a **Guarda Nacional** foi instituída a partir da lei de 18 de agosto de 1831, em um período conturbado do Primeiro Reinado, marcado por questionamentos e rebeliões contra o Império. A sociedade questionava a capacidade do Exército em garantir a ordem, a segurança e a soberania do território nacional. Disponível em: <www.infoescola.com/historia-do-brasil/guarda-nacional/>. Acesso em: 10 maio 18.
- ⁵ Disponível em: <www.researchgate.net/publication/299500169_Relacao_Franca-Brasil_o_legado_da_Missao_Militar_Francesa_1920-1940_para_o_Exercito_Brasileiro>. Acesso em: 31 maio 18.
- ⁶ Idem.
- ⁷ Disponível em: <www.researchgate.net/publication/299500169_Relacao_FrancaBrasil_o_legado_da_Missao_Militar_Francesa_1920-1940_para_o_Exercito_Brasileiro>. Acesso em: 31 maio 18.
- ⁸ A Missão Militar Francesa de 1919. Disponível em: <://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2009/09/23/000.htm>. Acesso em: 15 jun 18.
- ⁹ Idem.
- ¹⁰ A Missão Militar Francesa de 1919. Disponível em: <://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2009/09/23/000.htm>. Acesso em: 15 jun 18.
- ¹¹ A Missão Militar Francesa de 1919. Disponível em: <://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2009/09/23/000.htm> Acesso em: 15 jun 18.
- ¹² Idem.
- ¹³ Id. Ibid.
- ¹⁴ Disponível em: <www.researchgate.net/publication/299500169_Relacao_FrancaBrasil_o_legado_da_Missao_Militar_Francesa_1920-1940_para_o_Exercito_Brasileiro>. Acesso em: 31 maio 18.
- ¹⁵ Disponível em: <www.researchgate.net/publication/299500169_Relacao_FrancaBrasil_o_legado_da_Missao_Militar_Francesa_1920-1940_para_o_Exercito_Brasileiro>. Acesso em: 31 maio 18.
- ¹⁶ Disponível em: A Liderança e a Mística. Disponível em: <://eblog.eb.mil.br/index.php/a-lideranca-e-a-mistical.html>. Acesso em: 14 jun 18.
- ¹⁷ Disponível em: Guia de Operações Militares. A Evolução Recente da Infantaria. Disponível em: <://operacoesmilitaresguia.blogspot.com/2016/12/a-evolucao-recente-da-infantaria.html>. Acesso em: 11 jun 18.
- ¹⁸ Disponível em: Academia Militar. Mestrado Integrado em Ciências Militares – Especialidade de Infantaria. Disponível em: <://academiamilitar.pt/infantaria.html.> Acesso em: 14 jun 18.
- ¹⁹ Disponível em: <www.ahimtb.org.br/DOCTRINA%20DA%20INFANTARIA%20(2).pdf>. Acesso em: 13 jun 18.
- ²⁰ Disponível em: Guia de Operações Militares. A Evolução Recente da Infantaria. <://operacoesmilitaresguia.blogspot.com/2016/12/a-evolucao-recente-da-infantaria.html>. Acesso em: 11 jun 18.